

Rumores, boatos e fake news: COVID-19 e desigualdades sociais

Inácio de Carvalho Dias de Andrade *

A COVID-19 demonstrou uma rápida velocidade de propagação, sendo que em pouco meses o vírus já circulava em todas regiões do mundo. Do mesmo modo, a quantidade de informações sobre a atual crise, sejam elas verdadeiras ou não, multiplicaram-se em uma velocidade equivalente. Assim, diferentes formas de compartilhamento online têm produzidos efeitos práticos nos modos de disseminação da doença e variam de acordo com a realidade social das localidades afetadas. Entretanto, embora os avanços tecnológicos seja um importante fator a ser considerado, eles não podem ser vistos como a origem de informações desconhecidas.

Nesse texto, proponho uma rápida análise do papel que boatos, rumores e *fake news* desempenham no Brasil e na África Subsaariana. Em sociedades atravessadas por profundas desigualdades sociais, a COVID-19 aciona histórias sobre injustiças e desigualdades. Essas teorias conspiratórias são habitadas por inúmeras personagens localmente contextualizadas e versam sobre o poder e as origens das inequidades sociais, influenciando os modos pelos quais os indivíduos engajam-se no combate da doença, respeitam medidas de distanciamento social e mobilizam recursos para o enfrentamento das dificuldades impostas pelo vírus.

Para montar um quadro de análise comparativo que possa não só informar sobre essa tendência geral da pandemia, como também descrever dinâmicas particulares das regiões afetadas, utilizo-me dos relatos coletados pelo Centro de Estudos em Migração Internacional (CEMI), grupo de pesquisa brasileiro sediado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).¹

Observatório COVID-19

Coordenado por Omar Thomaz e Bela Feldman-Bianco, o CEMI conta com 38 pesquisadores em variados níveis de formação. Com um repositório em constante expansão, o Observatório recolheu uma grande quantidade de relatos que expõe como o curso da vida cotidiana foi interrompida em várias partes do mundo. Irei aqui me deter naquelas narrativas que lidam com sociedades atravessadas por profundas desigualdade sociais e com uma consciência histórica de periferização dentro de um sistema hierárquico global. Argumento que esses dois fatores, a experiência cotidiana da desigualdade e perspectivas contextualizadas sobre situações periféricas, ajuda-nos a entender a formação de uma base social específica que facilita a propagação de tal fenômeno.

¹ Cf. <https://cemiunicamp.com.br/observatorio-COVID-19/> e <https://www.facebook.com/CEMIBR>

* Universidade de São Paulo (Brasil). Contacto: inacio.and@gmail.com

Ao dizer isso não pretendo, primeiramente, afirmar que a experiência da desigualdade social esteja restrita aos países periféricos. Seja por meio dos fluxos diaspóricos, seja através do crescimento global da desigualdade, pode-se afirmar que uma porcentagem muito baixa da população mundial não experimenta situações cotidianas de exclusão. Em segundo lugar, não advogo aqui por qualquer tipo de “culturalização da pobreza”, geralmente ligada a tentativas de patologização das camadas mais pobres na qual formas de vidas precárias produziram modos específicos de estar no mundo. Entendo que o compartilhamento dessas histórias é prática disseminada por todas classes sociais desses países. Entretanto, defendo que percepções de desigualdades sociais, políticas e econômicas, sentimentos amplificados pelo vírus e pelas condições bastante díspares que indivíduos enfrentam a pandemia, produzem efeitos práticos e interpretações específicas que ajudam a disseminar teorias conspiratórias sobre a pandemia, compartilhadas e endossadas por indivíduos de diferentes origens sociais.

Relatos

No Brasil, o debate gira em torno da “politização da pandemia”. No momento em que mais de 62.000 mortes por COVID-19 foram confirmadas, notícias falsas viralizaram em diferentes aplicativos e redes sociais. Boatos sobre uma suposta conspiração internacional alimentam histórias sobre caixões que teriam sido enterrados sem corpos. Indivíduos de variados perfis compartilham notícias sobre pessoas que teriam sido mortas dentro de hospitais, falsamente diagnosticados com COVID-19 e que tiveram seus órgãos revendidos para uma rede internacional de tráfico humano. Outros disseminam rumores sobre um suposto plano internacional comunista para derrubar o governo brasileiro e muitos incentivam o desrespeito às medidas de isolamento social como um ato patriótico. Entretanto, o que os relatos do CEMI mostram é que embora a disseminação de *fake news* no Brasil responda a problemas locais, a “politização da pandemia” é um fenômeno global e o cenário brasileiro é melhor compreendido como regra, ao invés de exceção.²

No Malauí, assim como no Brasil, a pandemia chegou em um momento de grande turbulência política. A eleição presidencial de 2019 foi recentemente anulada pela judiciário do país após meses de protestos que bloquearam as vias e paralisaram a economia. A Suprema Corte decidiu repetir a eleição em junho e o *lockdown* proposto pelo presidente Peter Mutharika, vencedor da contestada disputa e que continuou no cargo até a realização de nova votação, foi percebida como a tentativa de uma elite política sedenta por poder de sabotar os protestos e cancelar o segundo pleito. Muitos afirmavam que não havia uma única pessoa contaminada pelo COVID-19 no país e campanhas informativas do governo foram recebidas com desconfiança. No Norte, região conhecida por suas plantações de tabaco e cuja colheita começa nessa época do ano, os agricultores se viram impedidos de comparecer aos leilões que definem os preços de seus produtos, tiveram suas rendas reduzidas e foram tomados por sentimentos de traição e desconfiança.³

2 Para uma análise mais detida do cenário brasileiro, ver FELTRAN, Gabriel. Formas elementares da vida política: sobre o movimento totalitário no Brasil (2013-). http://novos estudos.uol.com.br/formas-elementares-da-vida-politica-sobre-o-movimento-totalitario-no-brasil-2013/?fbclid=IwAR2ytcSFxjB3Zn2Y634tx_FyAl5ES_uj-FQ768aXEm7J5FeA01VWl9RQFWE

3 CICHOKI, Piotr. “MaChinese sazatheka. Chinese did it again. Chasing away the hurricane from Malawi”. <https://cemiunicamp.com.br/observatorio-no-02/>

Assim como em outros lugares, os agricultores malauianos percebem o vírus (ou a inexistência dele) como uma ameaça externa às comunidades a que pertenciam, incentivando a suspeita e agressividade à estrangeiros que por ali passavam. Alguns dias após os primeiros casos serem confirmados, dois moçambicanos foram linchados em Karonga, norte do Malauí, acusados de serem transmissores do COVID-19. Obrigados a parar em um bloqueio na estrada, foram acusados de serem homens chupa-sangue e espancados até a morte. Os chupa-sangue são personagens conhecidos nas zonas central e norte de Moçambique, no Malauí e na Tanzânia que retiraram o sangue dos pobres e entregam para os ricos prolongarem sua vida.⁴

A desconfiança sobre as elites políticas, somada ao impacto econômico da epidemia que se desdobra com especial dramaticidade entre os mais pobres e ao ineficiente sistema de monitoramento e testagem desses países fazem com que percepções sociais sobre a desigualdade social, política e econômica abram espaço para diferentes e contraditórias narrativas conspiratórias sobre a pandemia.

Em um momento em que a capacidade da democracia liberal em aplainar conflitos e racionalizar a distribuição de poder vem sendo contestada, a percepção da desigualdade faz com que muitas pessoas busquem rumores, boatos e *fake news* como formas de explicar as posições precárias em que habitam o mundo.

Do mesmo modo, parte da elite desses países instrumentalizem sentimentos generalizados de injustiça para sustentarem projetos de poder. Se histórias de feitiçaria e criaturas místicas podem parecer exóticas e distantes, a essência dos rumores em contextos africanos em pouco difere das *fake news* brasileiras. A ideia por trás é a mesma: a de que a experiência cotidiana de exclusão é causada por fonte invisíveis e poderosas, sejam elas homens chupa-sangue ou cientistas comunistas chineses.⁵ Entretanto, há algo de específico e perigoso no Brasil atual: a profissionalização de uma rede de notícias falsas exclusivamente voltada para manutenção de um grupo autoritário no poder. A despeito do fracasso do projeto ocidental em produzir um sistema político racional e equilibrado, em tempos coléricos, a necessidade dar legitimidade às informações científicas e confiáveis é urgente. Assim, dados epidemiológicos só fazem sentido se contextualizados a partir da experiência cotidiana da esmagadora maioria da população mundial cuja primeira e mais urgente questão existencial passa pela experiência da desigualdade social e da exclusão política.

4 DIAS DE ANDRADE, I. “Kuteweza Makahlidwe – COVID-19, raça e tradição em Tete, Moçambique”, <https://cemiunicamp.com.br/observatorio-no-15/>; TSAMBE, Zacarias. “Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; e ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza: Desigualdade e exclusão aos estrangeiros em tempos de Coronavírus na fronteira entre o Malawi e Moçambique”, <https://cemiunicamp.com.br/observatorio-no-30/>.

5 WEST, Harry e SANDERS, Todd. “Power revealed and power concealed in the New World Order” In: West, H. e Sanders, T. (orgs) Transparency and Conspiracy: ethnographies of suspicion in the new world order. Duke University Press, Durham and London, 2003.